

## O forno romano da Manta Rota (Cacela- Algarve)

CATARINA VIEGAS\*

### Resumo

As primeiras referências à existência de achados arqueológicos junto da actual povoação da Manta Rota remontam aos finais do séc. XIX, quando Estácio da Veiga refere a existência de uma série de alicerces de grandes edifícios de época romana, além de outros achados de cerâmica que atribui ao período islâmico. O material por ele recolhido encontra-se no Museu Nacional de Arqueologia.

Nos anos 20 do século passado, Leite de Vasconcellos assinala, na secção das "Cousas Velhas" do Arqueólogo Português, a presença de vestígios de uma olaria lusitano-romana na Manta Rota além de cerâmicas como ânforas e candeias de barro, indicando que, apesar dos trabalhadores terem quebrado "muita cousa", ainda muito teria ficado enterrado.

Mais recentemente, em 1992, o sítio foi objecto de uma intervenção de emergência, na sequência de um projecto de urbanização da área, tendo os trabalhos sido conduzidos pela Dra Cristina Garcia.

Dada a dispersão de vestígios numa área relativamente vasta e tomando como verdadeiras as referências a diversas construções relatadas por Estácio da Veiga, podemos estar perante um estabelecimento rural romano, possivelmente do tipo *villa*, existindo igualmente evidência da produção cerâmica, maioritariamente de ânforas do tipo Dressel 14.

No presente trabalho procede-se ao estudo não só dos materiais provenientes das escavações de 1992 mas também do espólio recolhido por E. da Veiga e que se encontra depositado no Museu Nacional de Arqueologia, procurando enquadrar a produção de ânforas Dressel 14 da Manta Rota no quadro da produção anfórica romana não só da área algarvia mas também dos vales do Tejo e do Sado.

### Résumé

Les premières références sur l'existence de trouvailles archéologiques proches de l'actuelle Manta Rocha remontent à la fin du XIX<sup>e</sup> siècle : Estácio da Veiga signalait la présence de fondations de grands édifices romains, en plus des céramiques qu'il attribuait à la période islamique (matériel conservé au Musée National d'Archéologie).

Dans les années 20 du siècle passé, Leite de Vasconcellos faisait référence, dans la rubrique des « choses anciennes » de la revue « O Arqueólogo Português », aux vestiges d'une officine de céramique située à Manta Rocha où l'on trouvait des amphores et des lampes. Il précisait que, bien que les ouvriers aient cassé bien des objets, beaucoup demeurait encore sous terre. Récemment, en 1992, le site a fait l'objet d'une fouille de sauvetage, conduite par la Dra Cristina Garcia, avant la mise en place d'un projet d'urbanisation. Les résultats de ces travaux montrent qu'il y aurait eu sur ce site d'un côté un établissement rural d'époque romaine (type *villa* probablement) et, de l'autre côté, un ou plusieurs fours qui auraient cuit majoritairement des amphores de type Dressel 14.

Dans ce travail, l'auteur étudie les matériaux provenant de la fouille de 1992, ainsi que ceux qui ont été recueillis par Estácio da Veiga, et cherche à replacer les amphores Dressel 14 de Manta Rocha dans le contexte de la production amphorique romaine, non seulement de l'Algarve mais aussi des vallées du Tage et du Sado.

---

\* UNIAHQ. Centro de Arqueologia. Faculdade de Letras. 1600-214 Lisboa. C.viegas@fl.ul.pt

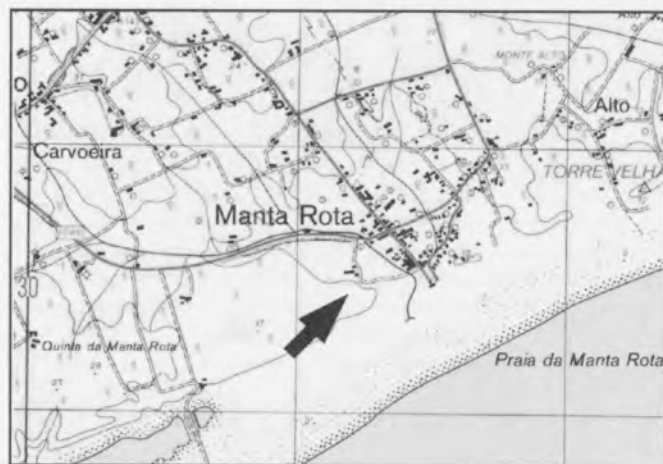


Fig. 1 - Localização do sítio romano da Manta Rota na costa algarvia e na C.M.P. 1:25000, Vila Real de Santo António, folha 600.

## 1. Introdução

O sítio romano da Manta Rota<sup>1</sup> conhece uma primeira referência por parte de Estácio da Veiga, quando, em finais do séc. XIX, aponta a existência de uma série de alicerces de grandes edifícios de época romana, além de outros achados de cerâmica que atribui ao período islâmico (Veiga, 1888, p. 401) (Fig. 1). Os materiais por si recolhidos encontram-se no Museu Nacional de Arqueologia e são constituídos essencialmente por fragmentos de cerâmica de época romana, na sua maioria fundos de ânforas, assim como escassos fragmentos de cerâmica comum e um bordo de *sigillata* sudgálica decorada. No entanto, na descrição que faz do sítio, o que mais demora Estácio da Veiga são dois machados de pedra polida, de cronologia bastante distante da que nos ocupamos. No inventário do Museu, encontramos referências a uma série de outros fragmentos que não pudémos ainda localizar, como quatro asas de ânfora, uma delas com inscrição.

Nos anos 20 do século passado, Leite de Vasconcellos assinala, na secção das “Cousas Velhas” do Arqueólogo Português, a presença de vestígios de uma olaria lusitano-romana na Manta Rota além de cerâmicas como ânforas e candeias de barro, indicando que apesar dos trabalhadores terem quebrado “muita cousa”, ainda muito teria ficado enterrado (Vasconcellos, 1920, p. 229).

Mais recentemente, em 1992, o sítio foi objecto de uma intervenção de emergência, na sequência de um projecto de urbanização da área, tendo os trabalhos sido conduzidos pela Dra. Cristina Garcia, que nos autorizou o estudo dos materiais daí provenientes, o que muito agradecemos, e que se encontravam depositados nas instalações do Parque Natural da Ria Formosa (PNRF).

Dada a dispersão de vestígios numa área relativamente vasta, e tomando como verdadeiras as referências a diversas construções relatadas por Estácio da Veiga, podemos pensar estar perante um estabelecimento rural romano, possivelmente do tipo *villa*, existindo igualmente evidência da produção cerâmica, maioritariamente de ânforas do tipo Dressel 14.

O material que se encontrava nas instalações do Parque Natural da Ria Formosa foi seleccionado e inventariaram-se as peças que permitiam atribuição morfológica (bordos, asas e fundos), quer no que diz respeito às ânforas, quer à cerâmica comum. Utilizou-se a sigla MR, seguida das indicações do contexto estratigráfico a que se atribuiu um número que está entre parentesis recto, e, por fim, o nº de inventário. Quanto às cerâmicas finas (paredes finas, *terra*

1 - O sítio da Manta Rota localiza-se no concelho de Vila Real de Santo António, Carta Militar de Portugal 1:25.000, folha 600, possuindo as coordenadas Gauss M-254.0 e P-022.5.

*sigillata*, etc.), foram seleccionados para o inventário a totalidade dos fragmentos. As cerâmicas existentes no depósito no Museu Nacional de Arqueologia foram consideradas na totalidade. Assim, o conjunto dos materiais estudados soma 222 exemplares – Número Mínimo de Indivíduos (NMI), dos quais apenas vinte e dois provêm do MNA. Desenhou-se o que se julga ser representativo do conjunto da amostra e descreve-se igualmente em catálogo. O espólio que se encontra nas instalações do PNRF irá dar entrada na Reserva do Instituto Português de Arqueologia, em Silves.

## 2. O sítio romano da Manta Rota

### 2.1. Cronologia

Os materiais recolhidos na intervenção arqueológica resultaram da escavação de áreas bastante reduzidas e de recolhas realizadas à superfície, nos terrenos junto às sondagens. A dispersão dos achados cerâmicos fazia-se, ainda em 1992, numa área relativamente ampla, numa ligeira elevação nas traseiras de um complexo turístico que actualmente dá pelo nome de Quinta da Manta Rota. Infelizmente, em visita realizada ao sítio já durante o mês de Abril de 2004 nada se observou, pois cresce no local abundante vegetação<sup>2</sup>.

De acordo com informação da Dra Cristina Garcia, estabeleceu-se uma quadrícula e foram escavados os quadrados 1A16, 2A13, 2A9, 2A2 e 2A3 e 1B4, 2B16, cada um com 1m de lado, existindo também a indicação de que, na área do parque de estacionamento onde se realizaram parte das sondagens, quando se iniciou a escavação já estava tudo rebaixado em cerca de 1,5 m de profundidade.

Sendo as sondagens reduzidas, e não se tendo detectado estruturas significativas, torna-se extremamente difícil distinguir que espólio devemos associar à ocupação da *villa* e que materiais poderão estar ligados às estruturas relacionadas com a produção de ânforas. Assim sendo, julgamos que se devem procurar estabelecer os parâmetros temporais para a ocupação do sítio, tendo como base a totalidade do espólio disponível, quer o recolhido nos finais do séc. XIX por Estácio da Veiga, quer o das escavações de 1992.

Deste modo, existe um conjunto de materiais que apontam para a ocupação do sítio, de forma mais consistente, desde meados do século I d.C., existindo, no entanto, dados que permitem fazer recuar esta cronologia para os inícios do século I d.C. Referimo-nos a uma única peça de *terra sigillata* tipo itálico, correspondente à forma *Consp. 22.6*, portanto com uma cronologia do final do reinado de Augusto (*Consp. p. 90-91*).

Os escassos fragmentos de *terra sigillata* sudgálica encontrados pertencem às formas Drag. 18, “the

best-sold form from the time of Claudius onwards” (Polak, 2000, p. 91) e a forma Drag 37 com decoração atribuível a Germanus, cujo período de laboração se centra entre as décadas de 70 e 90 do séc. I (*Ibidem*, 2000, p. 236). Escassos fragmentos de paredes finas de Mérida com decoração de guilhoché, da forma Mayet XLIII apresentam cronologia da segunda metade do séc. I (Mayet, 1975, p. 96). Outro dado que favorece esta tendência, para um início da ocupação do sítio centrado nos meados do séc. I ou na segunda metade dessa mesma centúria, corresponde à presença de um fragmento de ânfora itálica do tipo Dressel 2-4 (= Classe 10), de cronologia de finais do séc. I a meados do séc. II (Peacock e Williams, 1986, p. 105-106).

O material que melhor documenta a fase final de ocupação do sítio é um conjunto de fragmentos de bordos de Almagro 51c, alguns possivelmente também produzidos no sítio, e cuja cronologia se pode estender normalmente até ao séc. V. Um único fragmento de fundo de um grande prato de cerâmica de cozinha africana com polimento em faixas (“*politure a strische*” de Tortorella), possivelmente da forma Hayes 181 ou “Ostia I”, fig 15 (Tortorella, 1981, p. 215, est. CVI, nº 3), possui cronologia que confirma a ocupação do sítio até pelo menos ao séc. V. No conjunto do material, sobressai a quantidade esmagadora de ânforas da forma Dressel 14 o que aponta para um *floruit* da produção/ocupação do sítio em torno dos meados do século I d.C., ou segunda metade dessa mesma centúria. Naturalmente, que só a realização de escavações arqueológicas mais extensas neste local poderão ajudar a confirmar estes dados.

### 2.2. Evidência da produção de ânforas no sítio da Manta Rota

Não é de mais voltar a chamar a atenção para a reduzida área escavada e para as dificuldades sentidas no registo das realidades arqueológicas, por haver áreas com remeximentos provocados por maquinaria pesada que operou no local antes das escavações se realizarem. Na intervenção arqueológica, foram detectadas algumas estruturas, uma das quais designada como sendo um forno, encontrando-se assinalada a presença de materiais das áreas exteriores e interiores do mesmo. Mesmo que a interpretação deste achado nos possa colocar algumas dúvidas, existem outros elementos que apontam claramente para a existência de produção de ânforas neste local. Desde logo, a presença de abundantes fragmentos de ânforas Dressel 14, com características morfológicas muito próximas e com fabrico idêntico que descreveremos adiante. Por outro lado, uma das sondagens efectuadas revelou a existência de cerâmica de construção (*lateres*) deformados por terem estado sujeitos a altas

2 - Os terrenos, anteriormente agricultados, foram abandonados há 6 anos, tendo sido vendidos.

temperaturas. Aponto também como sendo produção dos fornos da Manta Rota um conjunto de cerâmica comum que se recolheu durante os trabalhos de escavação e que apresenta grandes semelhanças, em termos de fabrico, com as próprias ânforas.

### 2.2.1. Produção de ânforas e cerâmica comum na Manta Rota: as ânforas Dressel 14 (Figs. 2 e 3)

A forma Dressel 14 (= Classe 20/21, Beltrán IV, Lusitana 2) foi produzida na Lusitânia quer nos vales do Tejo e do Sado, quer na região algarvia, concretamente em S. Bartolomeu de Castro Marim, conhecendo-se diferentes variantes que se distinguem essencialmente pelas características morfológicas dos bordos. Este tipo terá começado a ser produzido em maiores quantidades a partir do reinado de Cláudio e o seu fabrico perdurou até ao séc. III.

A produção de ânforas do tipo Dressel 14 também está atestada na província da Bética, em diversas oficinas desde a costa mediterrânica à baía de Algeciras (García Vargas, 2000, p. 83-84). A amplitude cronológica desta forma conheceu igualmente precisões, estando documentada desde pelo menos os meados/finais do reinado de Augusto, em sítios como na "Venta del Carmen" (Bernal Casasola, 1998, p. 165), atingindo noutros locais o séc. III e mesmo épocas posteriores (García Vargas, 2000, p. 83-84).

Consideramos que não devem ser excessivamente valorizados os paralelos das variantes morfológicas do tipo Dressel 14 em geral, e em particular os dos exemplares da Manta Rota, uma vez que não existe uma proveniência estratigráfica precisa. Ainda assim, podemos observar que as ânforas da Manta Rota apresentam maiores semelhanças morfológicas com as suas congéneres produzidas no vale do Tejo e sobretudo do Sado, afastando-se claramente da variante mais tardia presente nos fornos algarvios de S. Bartolomeu de Castro Marim (Vasconcellos, 1989; Maia, 1979). De uma maneira geral, podemos afirmar que os nossos exemplares se caracterizam por possuir um bordo de lábio com maior ou menor espessamento, que pode apresentar uma configuração semi-circular ou sobre o triangular, voltado para o exterior. Os exemplares de Manta Rota possuem a característica do colo habitual neste tipo que se apresenta alto e cilíndrico na maioria dos exemplares conservados.

O estado de conservação dos exemplares recuperados permite apenas observar um caso em que a separação do colo em relação ao ombro se produz sem uma marcação muito evidente. Não possuímos exemplares que permitam a reconstituição da forma do corpo dos recipientes, mas os fundos apresentam alguma variedade, entre a forma cilíndrica oca mais típica, ou cónico com o bico mais reforçado (Fig. 3). As asas, de fita com sulco longitudinal, partem da parte inferior do bordo, seguindo rectilíneas até ao corpo, cuja configuração desconhecemos.

Os bordos apresentam um diâmetro externo que varia entre os 13 e os 20 cm embora a maior parte das peças detenha entre 17 e 18 cm.

Os exemplares de Dressel 14 originários do sítio de S. Bartolomeu de Castro Marim têm sido interpretados como uma "variante tardia", - já do séc. II e caracterizam-se por ostentar menores dimensões e por possuírem bordos espessados de perfil triangular, colos relativamente curtos e asas que partem da parte inferior do bordo e assentam no ombro (Fabião, 1997).

De uma maneira geral, parece-nos que a maioria dos exemplares que detemos da produção de Dressel 14 da Manta Rota possuem maiores semelhanças com o pleno da laboração no Vale do Sado. Apenas registamos um exemplar com o bordo em fita, característico das produções iniciais. Concretamente, o nosso exemplar com o nº 1 (Fig. 2) possui um bom paralelo no nº 62 dos fornos de Abul A (Mayet, Schmitt e Silva, 1996, p. 61, fig. 37). Não registamos entre o material da Manta Rota outros exemplares que se possam identificar com a fase A de Abul datada de Tibério /Cláudio (Mayet e Silva, 2002, p. 100).

Como já se referiu, os restantes exemplares apresentam uma grande variedade de formas de bordos, o que poderá corresponder ou a diferentes fornos ou a diferentes fases da produção. Curiosamente, dominam no sítio algarvio os bordo de perfil triangular com grandes semelhanças formais com os que se encontram nos fornos de Abul, concretamente da variante B, datada da segunda metade do séc. I d.C. (Mayet e Silva, 2002, p. 103-105). Os exemplares de bordo semi circular estão também presentes e correspondem à variante C de Abul.

### Catálogo

Fig. 2, nº 1. MR. 170. Fragmento de bordo em fita de ânfora Dressel 14. Diâmetro do bordo 16 cm e altura máxima conservada 6,4cm.

Fig. 2, nº 2. MR. 25. Fragmento de bordo simples, arredondado e ligeiramente espessado de ânfora Dressel 14. Diâmetro do bordo 18 cm e altura máxima conservada 6,4 cm.

Fig. 2, nº 3. MR. 195. Fragmento de bordo simples de secção triangular de ânfora Dressel 14 e asa vertical com sulco longitudinal. Diâmetro do bordo 17 cm e altura máxima conservada 10,6 cm.

Fig. 2, nº 4. MR. 58. Fragmento de bordo de secção triangular de ânfora Dressel 14. Diâmetro do bordo 18 cm e altura máxima conservada 6,5 cm.

Fig. 2, nº 5. MR. 29. Fragmento de bordo de secção triangular de ânfora Dressel 14. Diâmetro do bordo 18 cm e altura máxima conservada 4,2 cm.

Fig. 2, nº 6. MR. 21. Fragmento de bordo de secção triangular de ânfora Dressel 14. Diâmetro do bordo 18 cm e altura máxima conservada 4,2 cm.

Fig. 2, nº 7. MR. 7. Fragmento de bordo de secção triangular de ânfora Dressel 14. Diâmetro do bordo 17 cm e altura máxima conservada 4,4 cm.

Fig. 2, nº 8. MR. 82. Fragmento de bordo de secção triangular de ânfora Dressel 14. Diâmetro do bordo 15 cm e altura máxima conservada 3,7 cm.

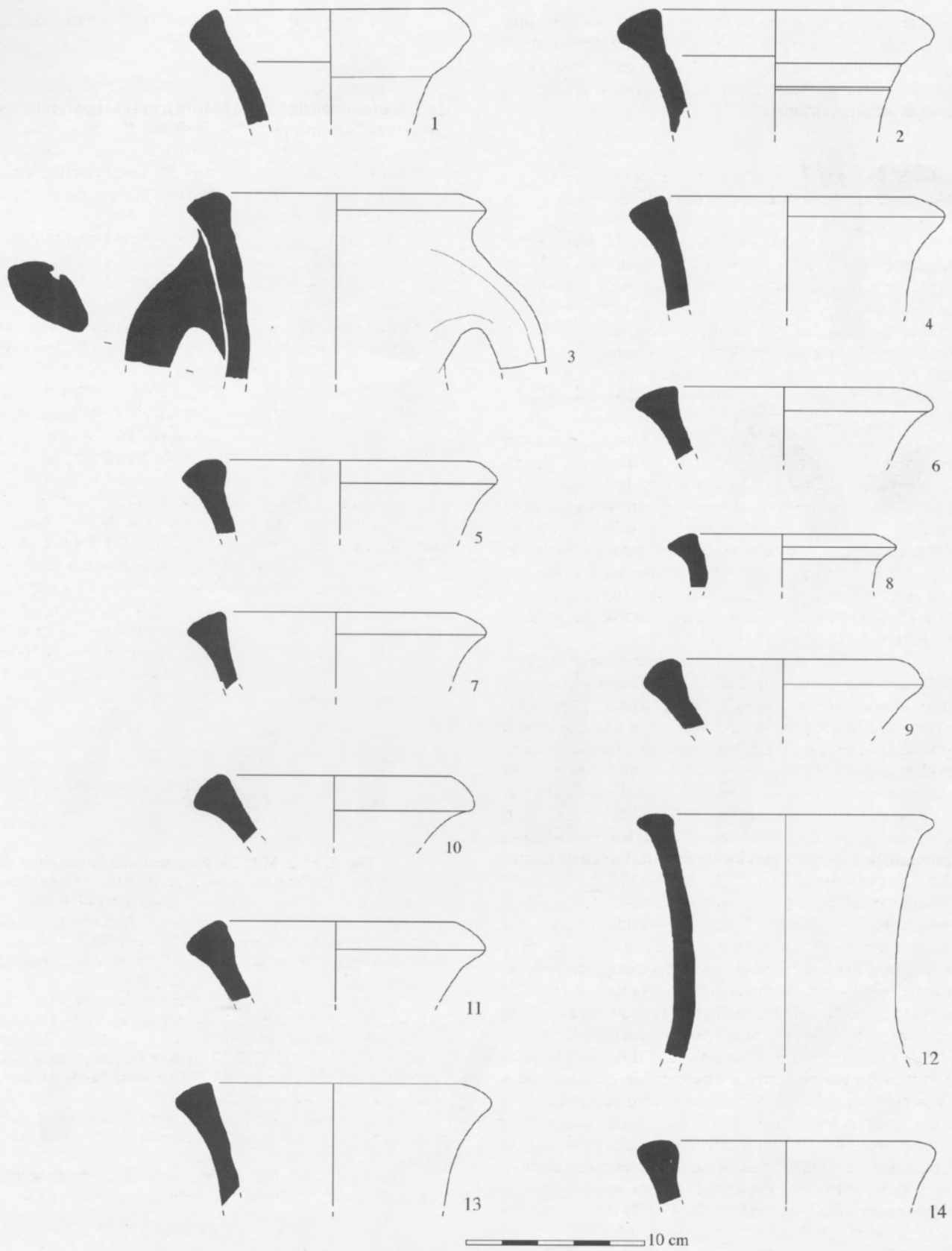


Fig. 2 - Bordos de ânforas Dressel 14 produzidas na Manta Rota, escala 1:3.

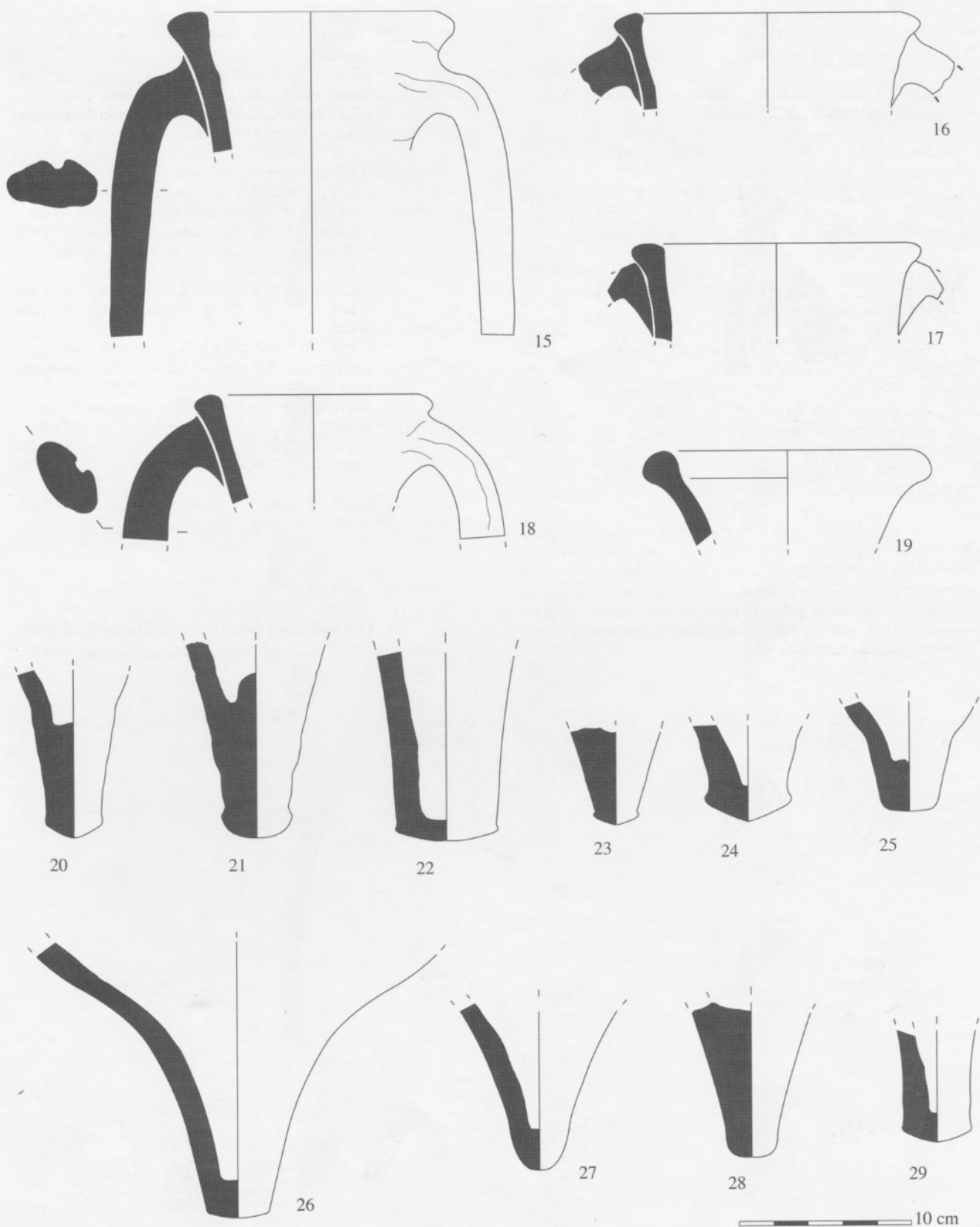


Fig. 3 - Bordos de ânforas Dressel 14 e fundos produzidos na Manta Rota.

Fig. 2, nº 9. MR. 27. Fragmento de bordo de secção triangular de ânfora Dressel 14. Diâmetro do bordo 16 cm e altura máxima conservada 4 cm.

Fig. 2, nº 10. MR. 24. Fragmento de bordo de secção triangular de ânfora Dressel 14. Diâmetro do bordo 15 cm e altura máxima conservada 3,7 cm.

Fig. 2, nº 11. MR. 23. Fragmento de bordo de secção triangular de ânfora Dressel 14. Diâmetro do bordo 17 cm e altura máxima conservada 4,5 cm.

Fig. 2, nº 12. MR. 180. Fragmento de bordo simples, de secção semi circular de ânfora Dressel 14, e colo alto cilíndrico. Diâmetro do bordo 17 cm e altura máxima conservada 13,8 cm.

Fig. 2, nº 13. MR. 26. Fragmento de bordo simples, de secção semi circular de ânfora Dressel 14. Diâmetro do bordo 18 cm e altura máxima conservada 6,9 cm.

Fig. 2, nº 14. MR. 28. Fragmento de bordo simples, de secção semi circular de ânfora Dressel 14. Diâmetro do bordo 17 cm e altura máxima conservada 3,6 cm.

Fig. 3, nº 15. MR. 15. Fragmento de bordo simples, de secção semi circular de ânfora Dressel 14, colo alto cilíndrico e asa vertical com sulco longitudinal. Diâmetro do bordo 17 cm e altura máxima conservada 19,1 cm.

Fig. 3, nº 16. MR. 146. Fragmento de bordo simples, de secção semi circular de ânfora Dressel 14 e arranque de asa. Diâmetro do bordo 18 cm e altura máxima conservada xx cm.

Fig. 3, nº 17. MR. 128. Fragmento de bordo simples, de secção semi circular de ânfora Dressel 14 e arranque de asa. Diâmetro do bordo 17 cm e altura máxima conservada 5,7 cm.

Fig. 3, nº 18. MR. 15. Fragmento de bordo simples, de secção semi circular de ânfora Dressel 14, colo alto cilíndrico e asa vertical com sulco longitudinal. Diâmetro do bordo 17 cm e altura máxima conservada 19,1 cm.

Fig. 3, nº 19. MR. 16. Fragmento de bordo simples, de secção semi circular de ânfora Dressel 14. Diâmetro do bordo 17 cm e altura máxima conservada 5,1 cm.

Fig. 3, nº 20. MR. 38. Fragmento de fundo de ânfora de perfil tronco cónico maciço. Altura máxima conservada 9,8 cm.

Fig. 3, nº 21. MR. 32. Fragmento de fundo de ânfora de perfil tronco cónico maciço. Altura máxima conservada 11,2 cm.

Fig. 3, nº 22. MR. 164. Fragmento de fundo de ânfora cilíndrico, oco. Altura máxima conservada 10,9 cm.

Fig. 3, nº 23. MR. 59. Fragmento de fundo de ânfora de perfil tronco cónico maciço. Altura máxima conservada 5,7 cm.

Fig. 3, nº 24. MR. 61. Fragmento de fundo de ânfora de perfil tronco cónico oco e base em ogiva. Altura máxima conservada 9,8 cm.

Fig. 3, nº 25. MNA.2004.13.13. Fragmento de fundo de ânfora de perfil tronco cónico maciço. Altura máxima conservada 6,4 cm.

Fig. 3, nº 26. MNA.2004.13.11. Fragmento de fundo de ânfora de perfil tronco cónico oco. Altura máxima conservada 16,1 cm.

Fig. 3, nº 27. MR. 210. Fragmento de fundo de ânfora de perfil tronco cónico oco. Altura máxima conservada 9,3 cm.

Fig. 3, nº 28. MR. 155. Fragmento de fundo de ânfora de perfil tronco cónico maciço. Altura máxima conservada 9,1 cm.

Fig. 3, nº 29. MR. 38. Fragmento de fundo de ânfora de perfil cilíndrico oco. Altura máxima conservada 6,5 cm.

## 2.2.2. Ânforas Almagro 51c (Fig. 4)

Entre os materiais fabricados na Manta Rota pode incluir-se um conjunto reduzido de exemplares de ânforas

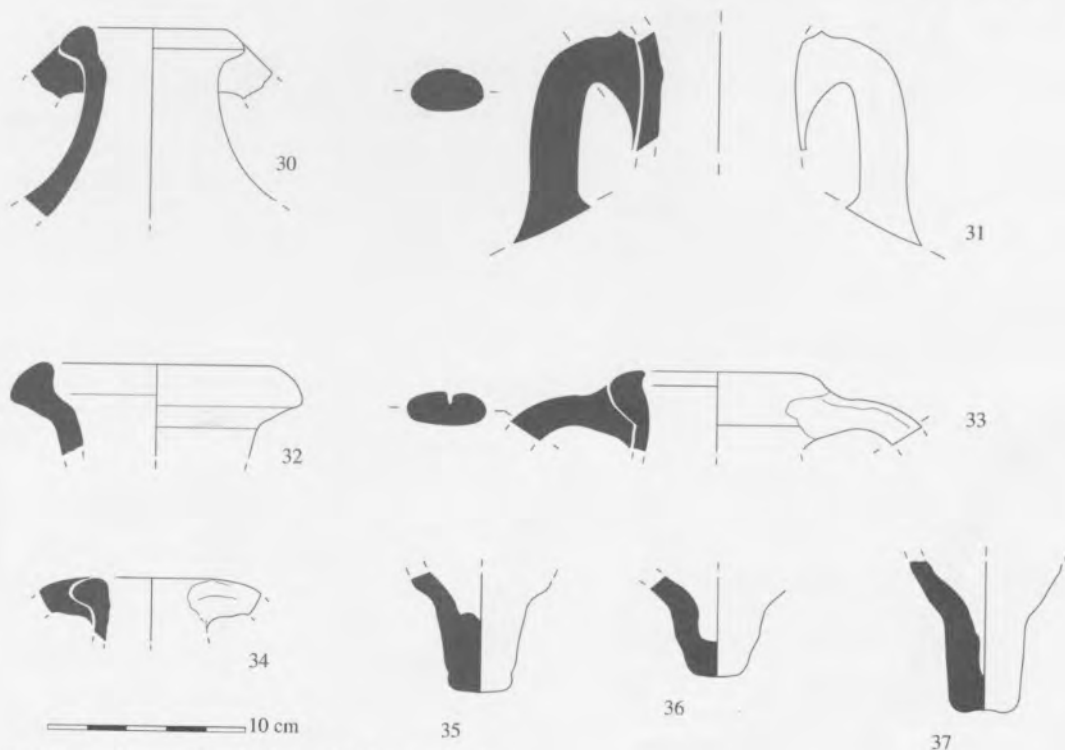


Fig. 4 - Bordos de ânforas Almagro 51c e fundos produzidos na Manta Rota.

do tipo Almagro 51c (= Classe 23, Keay XXIII, Lusitana IV). Estas peças apresentam um fabrico em tudo idêntico às que referimos anteriormente (Fig. 4). Não se inclui neste ponto, um conjunto de ânforas Almagro 51c da Manta Rota existentes no MNA, que não foi possível localizar e que tinham sido anteriormente referidas por C. Fabião (2000, p. 727, nota 6).

A produção deste tipo anfórico está documentada em praticamente todos os locais onde se produziram ânforas, na Lusitânia, nos vales do Tejo e do Sado e no litoral algarvio. O início da sua produção está localizado nos finais do séc. II, em Setúbal, e o final da produção poderá situar-se já no séc. V.

Quanto às produções das oficinas algarvias, regista-se o fabrico desta ânfora em S. Bartolomeu de Castro Marim onde ocorrem com alguma diversidade ao nível da morfologia dos bordos (Alves, Diogo e Reiner, 1990, p. 193-198). O tipo Almagro 51c, especificamente a variante presente nas necrópoles de Ampúrias, foi igualmente produzido na Quinta do Lago, constituindo mesmo a forma mais abundante entre a produção deste sítio, demonstrando que o pleno da produção terá ocorrido entre o séc. III e o séc. V, altura em que é abandonado (Arruda e Fabião, 1990, p. 199-213). Em S. João da Venda, não foram registados fragmentos atribuíveis a este tipo anfórico, dominando, no conjunto da produção, a forma Almagro 51a-b (Fabião e Arruda, p. 215-224).

As ânforas Almagro 51c da Manta Rota possuem as características gerais que normalmente se podem observar nesta forma: bordos de lábio de secção triangular ou arredondada, asas que partem normalmente da parte superior do lábio ou logo abaixo deste, apresentando num dos casos sulco longitudinal. Os colos são curtos, estreitos e tronco-cónicos. Também o diâmetro dos bordos é reduzido, variando entre os 9,4 e os 15 cm.

### Catálogo

Fig. 4, nº 30. MR 197. Fragmento de bordo de lábio de perfil semi circular de ânfora Almagro 51c, colo curto e arranque de asa do lábio. Diâmetro 9,4 cm e altura máxima conservada de 9,5 cm.

Fig. 4, nº 31. MR 204. Fragmento de colo cilíndrico de ânfora com asa vertical que assenta no ombro. Diâmetro do colo 8 cm e altura máxima conservada de 11,4 cm.

Fig. 4, nº 32. MR 176. Fragmento de bordo de lábio de perfil semi circular de ânfora Almagro 51c com encaixe para opérculo, no interior. Diâmetro 15 cm e altura máxima conservada de 4,6 cm.

Fig. 4, nº 33. MR 85. Fragmento de bordo de lábio de perfil semi circular de ânfora Almagro 51c e arranque de asa vertical com sulco longitudinal. Diâmetro 11 cm e altura máxima conservada de 4 cm.

Fig. 4, nº 34. MR 89. Fragmento de bordo de lábio de perfil semi circular de ânfora Almagro 51c e arranque de asa que parte do bordo. Diâmetro 8 cm (?) e altura máxima conservada de 3,2 cm.

Fig. 4, nº 35. MNA 2004.13.15. Fragmento de fundo curto tronco cónico e maciço de ânfora Almagro 51c. Altura máxima conservada de 6 cm.

Fig. 4, nº 36. MNA 2004.13.3. Fragmento de fundo curto tronco cónico oco de ânfora Almagro 51c. Altura máxima conservada de 4,9 cm.

Fig. 4, nº 37. MNA 2004.13.25. Fragmento de fundo curto cilíndrico e oco de ânfora Almagro 51c. Altura máxima conservada de 6 cm.

### 2.2.3. Cerâmica comum (Fig. 5)

Além da produção de ânforas, julgamos poder atestar a produção de cerâmica de construção, dada a existência de exemplares de *lateres* com sinais de exposição a altas temperaturas, e de cerâmica comum. Este facto não é de estranhar e constitui um fenómeno relativamente comum nos centros produtores um pouco por todo o Império e também na Lusitânia, designadamente nos centros produtores do território português do vale do Tejo e do Sado.

O escasso conjunto de 32 exemplares de cerâmica comum que julgamos ter sido produzido na Manta Rota cobre as principais categorias funcionais presentes no mundo romano: armazenamento e transporte, serviço de mesa e utilização culinária (Fig. 5). Estão presentes as formas de mesa como os pratos, outras formas relacionadas com a preparação dos alimentos como os tachos, as panelas e as tampas além de potinhos e de recipientes de difícil classificação. Os recipientes de armazenamento, como os *dolia*, poderão ter também sido ali produzidos (nº 53, Fig. 5), assim como um alguidar, uma bilha e um cântaro. Descrevemos mais detalhadamente algumas destas formas que apresentavam o perfil melhor conservado.

Os pratos (nº 39 da Fig. 5) apresentam bordo simples direito, correspondem a um tipo muito comum também presente em S. Cucufate, (tipos I-A-3) recolhido nos diversos horizontes cronológicos daquele sítio, concentrando-se sobretudo entre os meados do séc. II e os meados do séc. IV (Pinto, 2003, p. 171). Um exemplar (nº 38) ostenta bordo voltado para o exterior (I-C-2-a de S. Cucufate) (Pinto, 2003, p. 204). As cerâmicas de utilização culinária estão representadas por um conjunto de panelas (14 exemplares). Ocorrem geralmente com o bordo oblíquo voltado para o exterior, correspondendo ao tipo VIII-B de S. Cucufate (Pinto, 2003, p. 372), embora não seja a forma de panela mais abundante naquele sítio. Algumas panelas apresentam bordo com espessamento de secção triangular (nºs 47, 49 e 51 da Fig. 5), com algumas semelhanças com as panelas VIII-B-6 de S. Cucufate, embora os exemplares da Manta Rota não cheguem a formar aba horizontal voltada para fora (Pinto, 2003, p. 366 e ss.). Esta panela encontra ainda paralelos em formas idênticas recuperadas em Torre d'Ares (Balsa), mas a pasta cinzenta grosseira distancia-se do fabrico da Manta Rota (Nolen, 1994, p. 155, est. 32, cr126). Os diâmetros dos bordos das panelas variam entre os 15 e os 17 cm.



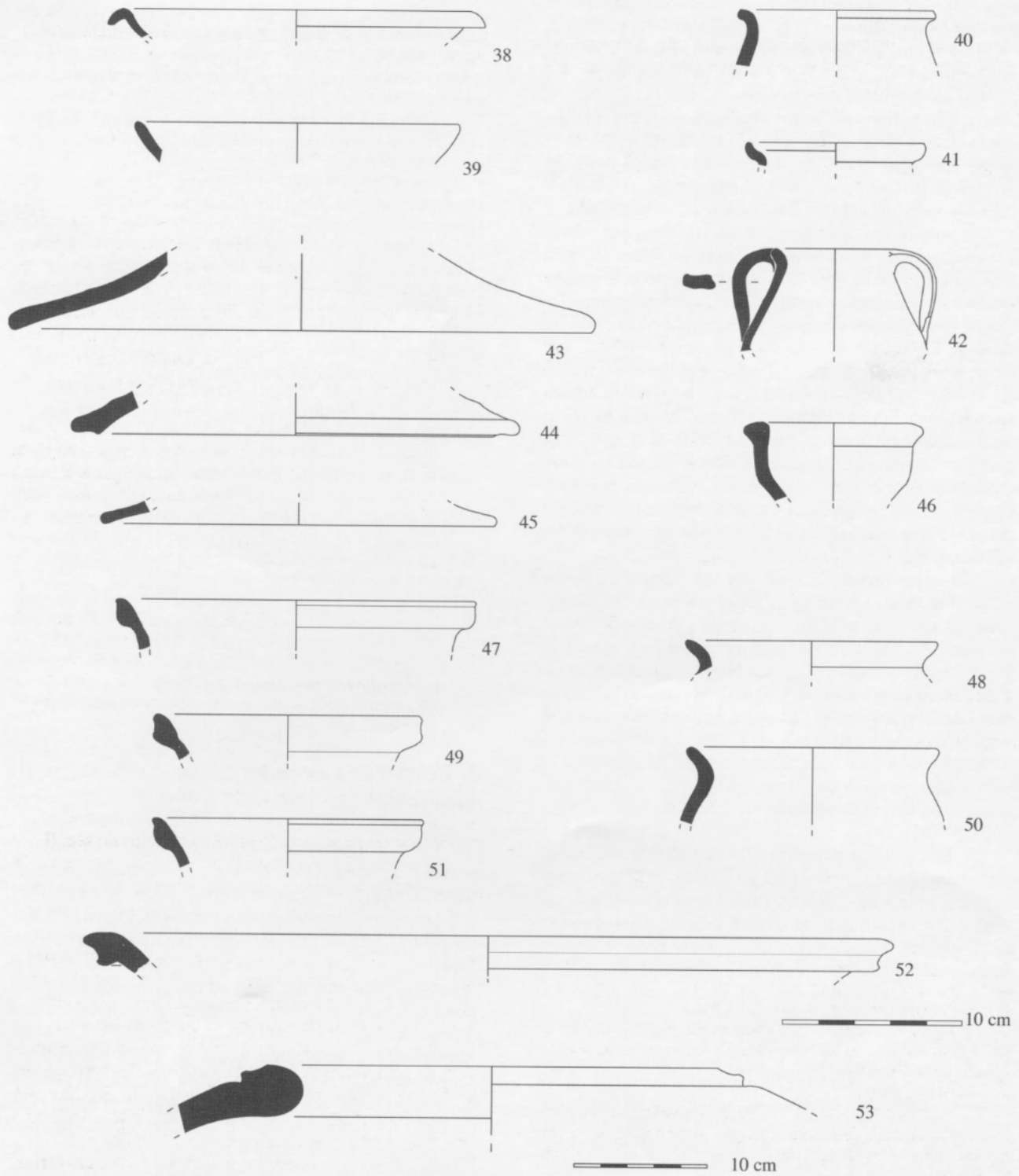


Fig. 5 - Cerâmica comum da Manta Rota.

Os potinhos mais comuns têm o bordo simples voltado para o exterior, observando-se, em um dos casos, uma asa vertical de secção rectangular, não sendo impossível que houvesse uma segunda (nº 40 e 42 da Fig. 5). Este tipo de potinho está próximo da forma X-A-8 de S. Cucufate (Pinto, 2003, p. 408). Um exemplar (nº 41) possui uma reentrância no bordo para receber uma tampa, idêntico ao potinho de bordo formando garganta interna, forma X-B-1 de São Cucufate (Pinto, 2003, p. 415). O nosso bordo possui ainda alguma semelhança com um potinho de Balsa (Nolen, 1994, p. 154, est. 30, cr-101). Os diâmetros destas peças situam-se entre os 7 e os 11 cm.

As tampas possuem bordo simples, por vezes apenas ligeiramente espessado, sendo idênticas à forma XIV-A-1 de S. Cucufate (Pinto, 2003, p. 463), e podem apresentar dimensões bastante diversificadas, uma vez que os seus diâmetros oscilam entre os 34 e os 22,5 cm (nº 43-45 da Fig. 5).

Julgamos que a peça nº 46 da Fig. 5 pode tratar-se do bordo de lábio semi circular e parte do colo estrangulado de uma bilha ou cântaro. Apenas as jarras produzidas em Mérida, concretamente a forma VII, parecem assemelhar-se a esta nossa forma, embora detenham dimensões de bordo bastante menores (Sánchez, 1992, p. 46, Fig. 11, nº 54). Jarras idênticas, mas ainda menores, estão presentes no espólio das necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985).

Pensamos tratar-se de um alguidar, o exemplar nº 52 (Fig. 5) com o bordo voltado para o exterior, ligeiro ressalto na face exterior do mesmo e parede muito esvasada. As talhas produzidas na Manta Rota (nº 53 da Fig. 5) registam bordo horizontal ligeiramente espessado e diferenciado em relação à parede, seguindo de perto o perfil de diversos *dolia* idênticos que se conhecem no sítio e que são originários do vale do Guadalquivir, na vizinha Bética. Esta forma é aliás bastante comum e identifica-se com o tipo de talha da forma XIII-A-1 de S. Cucufate, maioritariamente produzida em fabricos locais (Pinto, 2003, p. 448).

Em termos gerais, o fabrico destas peças de cerâmica comum produzidas na Manta Rota apresenta grandes semelhanças relativamente ao que foi observado para as ânforas e que se descreve *infra*, apresentando como tratamento de superfície apenas um alisamento simples.

### Catálogo

Fig. 5, nº 38. MR. 2. Fragmento de prato de bordo voltado para o exterior. Diâmetro do bordo 21 cm, altura máxima conservada de 1,7 cm.

Fig. 5, nº 39. MR. 51. Fragmento de prato de bordo simples. Diâmetro do bordo 18 cm, altura máxima conservada de 2,2 cm.

Fig. 5, nº 47. MR. 3. Fragmento de panela de bordo de secção triangular, voltado para o exterior. Diâmetro 20 cm, altura máxima conservada de 2,8 cm.

Fig. 5, nº 49. MR. 10. Fragmento de panela de bordo de

secção triangular, voltado para o exterior. Diâmetro 15 cm, altura máxima conservada de 2,8 cm.

Fig. 5, nº 51. MR. 14. Fragmento de panela de bordo de secção triangular, voltado para o exterior. Diâmetro 15 cm, altura máxima conservada de 2,7 cm.

Fig. 5, nº 48. MR. 4. Fragmento de panela de bordo simples voltado para o exterior. Diâmetro 14 cm, altura máxima conservada de 2 cm.

Fig. 5, nº 50. MR. 73. Fragmento de panela de bordo simples voltado para o exterior. Diâmetro 14 cm, altura máxima conservada de 4,4 cm.

Fig. 5, nº 40. MR. 68. Fragmento de potinho de bordo simples voltado para o exterior. Diâmetro 11 cm, altura máxima conservada de 3,2 cm.

Fig. 5, nº 42. MR. 75. Fragmento de potinho de bordo simples voltado para o exterior, bojo ovóide e asas verticais que partem do topo do bordo e assentam no bojo. Diâmetro 7 cm, altura máxima conservada de 5,2 cm.

Fig. 5, nº 41. MR. 49. Fragmento de potinho com reentrância no interior do bordo para receber uma tampa. Diâmetro 10 cm, altura máxima conservada de 1,3 cm.

Fig. 5, nº 44. MR. 19. Fragmento de tampa de bordo ligeiramente espessado possivelmente para cobrir uma talha (?). Diâmetro 25 cm, altura máxima conservada de 2,4 cm.

Fig. 5, nº 45. MR. 121. Fragmento de tampa de bordo simples. Diâmetro 22 cm, altura máxima conservada de 1,2 cm.

Fig. 5, nº 43. MR. 110. Fragmento de tampa de bordo simples. Diâmetro 34 cm, altura máxima conservada de 4,4 cm.

Fig. 5, nº 46. MR. 12. Fragmento de bilha de bordo de lábio semi circular e parte do colo estrangulado. Diâmetro 10 cm, altura máxima conservada de 4,3 cm.

Fig. 5, nº 52. MR. 9. Fragmento de alguidar de bordo voltado para o exterior, com ligeiro ressalto exterior e parede esvasada. Diâmetro 45 cm, altura máxima conservada de 2,2 cm.

Fig. 5, nº 53. MR. 152. Fragmento de talha de bordo horizontal ligeiramente espessado e diferenciado relativamente à parede. Diâmetro 29 cm, altura máxima conservada 4 cm.

### 3. Descrição e caracterização dos fabricos da Manta Rota

No seu trabalho sobre as produções do Sado, F. Mayet, C. Tavares da Silva e mais concretamente A. Schmitt (Mayet; Schmitt; Silva, 1996, p. 123-165), elaboram uma descrição das características petrográficas das pastas. A difícil distinção entre produções dos vales do Tejo e Sado, não se coloca relativamente aos fabricos algarvios. Não só estes últimos se distinguem bem dos primeiros, como possuem traços distintivos que permitem diferenciar as três produções do Sul da Lusitânia, Martinhal por um lado, Quinta do Lago por outro, e finalmente S. Bartolomeu de Castro Marim. Tal situação deve-se ao facto das oficinas se localizarem em regiões distintas do ponto de vista da geologia. No Martinhal dominam os calcários jurássicos, enquanto que na Quinta do Lago as areias pliocénicas são intercaladas com veios argilosos. Quanto a S. Bartolomeu de Castro Marim, situa-se no limite das formações primárias e das formações sedimentares pliocénicas (*Ibidem*, p. 162-164).

Interessam-nos particularmente as descrições das pastas da Quinta do Lago e de S. Bartolomeu de Castro Marim, ambas com inclusões de quartzo e feldspatos alcalinos, distinguindo-se a primeira por ostentar micas, nódulos de calcite e rara anfíbola, enquanto que a segunda possui grãos de óxidos e fragmentos de rochas metamórficas. Outro aspecto que distingue as duas oficinas é a junção de desengordurante calibrado na argila das ânforas da Quinta do Lago e a sua ausência em S. Bartolomeu de Castro Marim.

A caracterização e descrição dos fabricos da Manta Rota teve por base a observação macroscópica das pastas com lupa de 15 aumentos. Distinguiram-se dois fabricos que correspondem, no entanto, a apenas um grupo petrográfico.

O fabrico 1 de Manta Rota constituído por uma pasta bastante compacta e dura (3), cozida em modo A, com cerca de 10/15% de elementos não plásticos constituídos por relativamente pouco quartzo, raros nódulos de ferro e micas vestigiais. De uma maneira geral, as partículas encontram-se bem calibradas e são de dimensão pequena, excepto os nódulos de ferro que apresentam dimensões maiores com as partículas de tamanho pequeno /médio (areia/gravilha). Quanto ao rolamento, as partículas oscilam entre o subrolado a rolado.

A pasta ostenta habitualmente o cerne laranja (Munsel 5 YR 5/8) e as superfícies exterior e interior acastanhada (Munsel 7.5YR 5/6). A superfície foi simplesmente alisada e pode encontrar tonalidades mais acastanhadas igual à própria pasta (Munsel 7.5YR 5/6).

O fabrico 2 da Manta Rota apresenta as mesmas características que o fabrico 1, apenas com ligeiras diferenças, uma vez que a pasta se apresenta mais esponjosa e com maior quantidade de elementos não plásticos que ascendem a cerca de 15/20%, sendo constituídos essencialmente por quartzo muito abundante, estando aparentemente ausentes os nódulos de ferro. A classificação das partículas é boa e a secção pequena e de rolamento subrolado a rolado. A pasta é de cor alaranjada (Munsel 5YR 6/8) e a superfície, que apenas ostenta um alisamento simples, é igualmente alaranjada (Munsel 7.5 YR 6/8).

Pelas suas características, julgamos que estas pastas aproximam as nossas ânforas das argilas utilizadas nas oficinas de S. Bartolomeu de Castro Marim, também mais próximas, do ponto de vista geográfico.

Ambos os fabricos foram utilizados na produção de ânforas e cerâmica comum da Manta Rota. No entanto, verifica-se que o fabrico 2 foi o mais utilizado na produção dos contentores de transporte, sendo o fabrico 1, mais depurado, utilizado também na produção de ânforas mas sobretudo para a cerâmica comum.

#### 4. Cerâmicas importadas

Além do espólio que identificámos como tendo sido produzido na Manta Rota, apresentamos igualmente um reduzido conjunto de materiais importados (65

exemplares), recolhidos aquando da intervenção arqueológica da responsabilidade da Dra Cristina Garcia em 1992, aos quais se juntaram os recolhidos por Estácio da Veiga e Leite de Vasconcellos, actualmente depositados no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa). A escassez de elementos relativos às intervenções arqueológicas realizadas não permite distinguir com clareza quais os materiais que se poderão associar, em concreto, à área de produção de cerâmicas e quais os que se poderão relacionar com o eventual estabelecimento rural romano ali existente.

#### 4.1. Cerâmicas finas (Fig. 6)

No inventário da cerâmica proveniente da Manta Rota, regista-se a presença de um conjunto reduzido de fragmentos de cerâmicas finas importadas, entre as quais a cerâmica de paredes finas de Mérida da forma Mayet XLIII (Mayet, 1975, p. 96). Os fragmentos de *terra sigillata* incluem uma taça de *terra sigillata* de tipo itálico da forma Consp. 22.6, datada de Augusto (*Conspectus*, p. 90-91), e que constitui, como já se referiu, um dos testemunhos mais antigos da ocupação do sítio. Infelizmente, nada se pode ler da marca de oleiro que ostenta no fundo interno, sendo igualmente de assinalar a presença de um grafito X no fundo externo desta taça. A *terra sigillata* sudgálica está representada apenas por vários exemplares do prato Drag. 18 e da forma Drag. 37 decorada. Como composição decorativa ostenta um veado e uma loba (?) afrontados, de um lado e do outro de uma árvore. Este estilo é habitualmente atribuído a *Germanus*, oleiro da Graufesenque, cujo período central de laboração terá ocorrido entre as décadas de 70 e 90 do séc. I d.C. (Polak, 2000, p. 236). Regista-se apenas um exemplar de origem hispânica, possivelmente de Andújar da forma Drag. 27, além de um fragmento de fundo de forma indeterminada. As produções norte africanas estão também representadas por um exemplar de *sigillata* clara A da forma Hayes 14/17, com cronologia entre os meados do séc. II e o séc. III (Hayes, 1972, p. 39-43), e um fragmento de bordo de prato de *sigillata* clara C da forma Hayes 50, variante A, habitualmente datada desde a primeira metade do séc. III até ao primeiro quartel do séc. IV (Hayes, 1972, p. 73).

De registar ainda, entre a cerâmica fina importada da Manta Rota, duas asas de lucerna de pasta esbranquiçada, muito depurada, cujo estado de conservação não permite integração tipológica e que não ilustramos.

#### Catálogo

Fig. 6, nº 54. MR 197. Taça da forma Consp. 22.6 com marca de oleiro ilegível no fundo interno e grafito X no fundo externo. Diâmetro do bordo 6,4 cm, diâmetro do pé 3,4 cm e altura 3,7 cm.

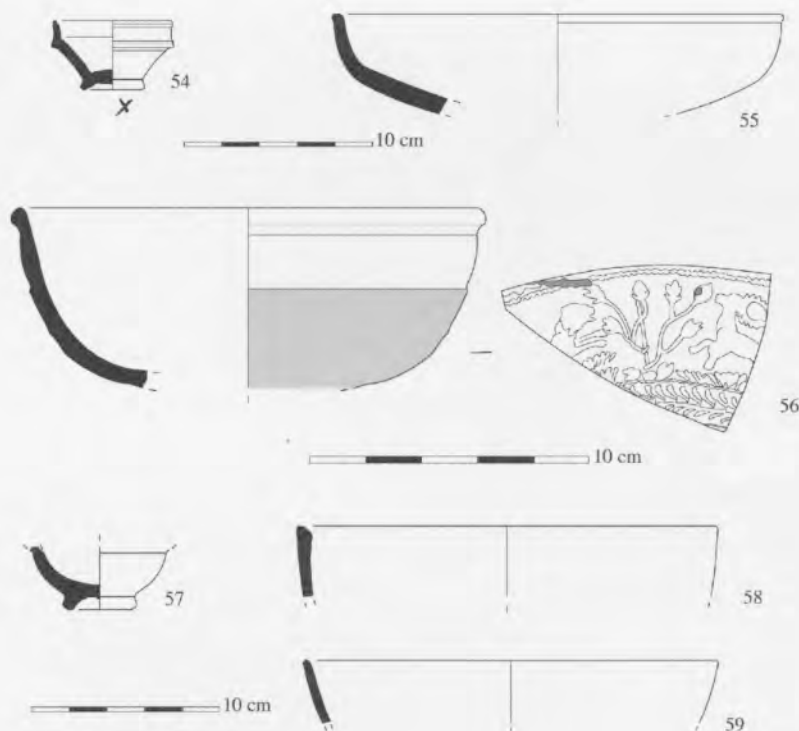


Fig. 6 - Terra sigillata recolhida na Manta Rota.

Fig. 6, nº 55. MR 204. Fragmento de prato de *terra sigillata* sudgálica da forma Drag. 18/31. Diâmetro 24 cm e altura máxima conservada de 5,3 cm.

Fig. 6, nº 56. MNA.2004.13.1. Fragmento de taça de *terra sigillata* sudgálica decorada da forma Drag. 37. Diâmetro 17 cm e altura máxima conservada de 6,5 cm.

Fig. 6, nº 57. MR 202. Fragmento de taça de *terra sigillata* hispânica da forma Drag. 27. Diâmetro do fundo 4 cm e altura máxima conservada de 3,3 cm.

Fig. 6, nº 58. MR 139. Fragmento de prato de *sigillata* clara A da forma Hayes 14/17. Diâmetro 24 cm e altura máxima conservada de 3,9 cm.

Fig. 6, nº 59. MR 199. Fragmento de prato de *sigillata* clara C da forma Hayes 50. Diâmetro 22 cm e altura máxima conservada de 3 cm.

#### 4.2. As ânforas importadas

As ânforas vinárias originárias da península itálica estão representadas apenas por um exemplar do tipo Dressel 2-4, com fabrico onde se encontram as características areias vulcânicas que apontam para uma origem na região do Lácio e da Campânia. Esta ânfora foi produzida de finais do séc. I a.C. a meados do séc. II d.C. (Peacock e Williams, 1986, p. 105-106).

A maior parte das ânforas importadas da Manta Rota têm origem na vizinha Bética, sobretudo na área costeira, mas também no Vale do Guadalquivir. A forma

mais abundante é a Beltrán IIB, na sua maioria de produção gaditana (cinco exemplares). Encontram-se, no entanto, dois exemplares que ostentam uma pasta que não conseguimos identificar com nenhum centro produtor conhecido. Trata-se de uma pasta compacta de tonalidades alaranjadas, cujo fabrico se destaca pela presença de grandes partículas de cerâmica moída rosada e por ostentar um engobe acinzentado.

A ânfora Dressel 20 transportou os produtos oleícolas da Bética desde o Vale do Guadalquivir, para atingir uma ampla difusão em todo o Império. São escassos os exemplares encontrados na Manta Rota, registando-se um bordo e uma asa com marca de oleiro. Relativamente ao bordo, apenas se pode referir que a sua morfologia parece apontar para uma cronologia da fase inicial da produção, segundo os dados de Martin-Kilcher para Augst (Martin-Kilcher, 1983, *apud* Peacock e Williams p. 137 e 138).

Quanto à asa de Dressel 20, apresenta a marca L.C.F., com as letras separadas por pontos triangulares. Trata-se de uma marca muito comum e cuja identificação a uma *figlina* específica no curso do Guadalquivir é um pouco problemática. Segundo Chic Garcia esta marca está documentada no Vale médio do Guadalquivir, concretamente em “Remolino” ou “Cortijo de Romero” e já anteriormente teria sido identificada por Ponsich encontrando-se entre o espólio recuperado no Monte Testaccio, em Roma (Chic Garcia, 2001, p. 72). Segundo o mesmo autor, esta fórmula LCF constitui uma simplificação da marca de oleiro LCFSCVFM, descoberta igualmente noutras oficinas próximas, como “El Castillejo”, “Los Pesebres” e “Picachos”. O exemplar desta marca estudado por Remesal encontra-se numa ânfora Dressel 23, portanto com uma cronologia a partir de meados do séc. III (*Ibid.*, 2001, p. 64). Referindo-se a exemplares com a mesma marca, mas com grafia diferente, identificadas nas Ilhas Britânicas, C. Carreras Monfort e P. Funari preferem não identificar a marca LCFPCO com uma *figlina* determinada. Apresentam uma cronologia que se estende desde a segunda metade do séc. I até aos meados do séc. III (Carreras Monfort e Funari, 1998, p. 118 e 119).

Este é o segundo exemplar desta marca no sul da Lusitânia, pois registámos recentemente entre os materiais provenientes da escavação de Faro que colocou a descoberto o mosaico do deus Oceano, uma marca idêntica. Neste exemplar de *Ossonoba*, apenas se podem ler as duas primeiras letras L e C, encontrando-se o restante fragmentado.



Fig. 7 - Ânforas importadas recolhidas na Manta Rota.

Registam-se ainda dois fundos de ânforas cujo fabrico indica uma origem no curso do Guadalquivir que podem ter pertencido a ânforas do tipo Haltern 70.

O conjunto de ânforas importadas pela Manta Rota completa-se com dois exemplares de ânforas oleícolas Norte Africanas, concretamente um bordo da forma Africana II C ou Keay VI, produzidas na Bizacena desde finais do séc. III até fins do séc. IV/ inícios do séc. V, e um fundo com a característica morfologia das ânforas africanas e pasta igualmente típica, muito compacta, acinzentada, onde se distinguem inúmeras partículas de calcite.

### Catálogo

Fig. 7, nº 60. MNA 2004.13.5. Fragmento de bordo de ânfora da forma Dressel 2-4 de origem itálica. Diâmetro 15 cm e altura máxima conservada de 6,9 cm. Fabrico itálico, apresenta pasta com as características areias negras de origem vulcânica.

Fig. 7, nº 61. MNA 2004. 13.9. Fragmento de bordo de ânfora Dressel 20. Diâmetro 15 cm e altura máxima conservada de 4,5 cm. Fabrico do vale do Guadalquivir.

Fig. 7, nº 62 a e b. MR 161. Fragmento de asa de ânfora Dressel 20 de secção elíptica com marca LCF com pontos triangulares entre as letras e cartela rectangular. Comprimento máximo conservado de 11,3 cm. Fabrico do vale do Guadalquivir.

Fig. 7, nº 70. MNA 2004. 13.4. Fragmento de bordo de ânfora Africana II C ou Keay VI. Diâmetro 14 cm e altura máxima conservada de 4,4 cm. Fabrico norte africano com abundantes partículas de calcite.

Fig. 7, nº 71. MNA 2004.13.24. Fragmento de fundo de ânfora Africana. Altura máxima conservada de 14,3 cm. Fabrico norte africano com abundantes partículas de calcite.

Fig. 7, nº 63. MR 186. Fragmento de bordo de ânfora Beltrán IIB com arranque de asa. Diâmetro 22 cm e altura máxima conservada de 11,2 cm. Fabrico da Bética costeira.

Fig. 7, nº 64. MR 171. Fragmento de bordo de ânfora Beltrán IIB. Diâmetro 21 cm e altura máxima conservada de 9 cm. Fabrico de origem indeterminada. Pasta compacta de tonalidades alaranjadas ou acastanhadas (Munsel 5YR 5/8 ou 5/6) onde se observam grandes partículas de cerâmica moída rosada clara e alaranjada, pequenas partículas de quartzo bastante abundante e raros elementos ferruginosos de pequena dimensão. A superfície externa e interna foi alisada e revestida com uma aguada/engobe acinzentado (Munsel 7.5YR 5/1).

Fig. 7, nº 65. MR 93. Fragmento de bordo de ânfora Beltrán IIB. Diâmetro 22 cm e altura máxima conservada de 6,1 cm. Fabrico da Bética costeira.

Fig. 7, nº 66. MR 167. Fragmento de bordo de ânfora Beltrán IIB. Diâmetro 19 cm e altura máxima conservada de 3,4 cm. Fabrico de origem desconhecida em tudo idêntico ao descrito supra MR 171.

Fig. 7, nº 67. MR 155. Fragmento de fundo de ânfora. Altura máxima conservada de 9,1 cm. Fabrico do Vale do Guadalquivir.

Fig. 7, nº 68. MNA 2004.13.17. Fragmento de fundo de ânfora. Altura máxima conservada de 10,1 cm. Fabrico do Vale do Guadalquivir.

Fig. 7, nº 69. MNA 2004.13.8. Fragmento de fundo de ânfora. Altura máxima conservada de 7,1 cm. Fabrico do Vale do Guadalquivir.

Fig. 7, nº 70. MNA 2004.13.14. Fragmento de fundo de ânfora. Altura máxima conservada de 11,4 cm. Fabrico do Vale do Guadalquivir.

### 4.3. A cerâmica comum importada (Figs. 8 e 9)

No conjunto de cerâmica comum recuperado na Manta Rota, recolheram-se alguns exemplares provenientes da província da Bética, não só da área da costa Gaditana, mas também do vale do Guadalquivir, assim como um exemplar de cerâmica de cozinha africana. As pastas das cerâmicas originárias da baía gaditana são muito características e encontram-se descritas em inúmeros locais. Trata-se de uma pasta calcária, com cozedura em modo A, de textura arenosa e cujas cores variam entre o bege ou esbranquiçado e o rosado. Ocorre por vezes numa variante mais compacta, na qual os elementos não plásticos apresentam menores dimensões. Estas pastas correspondem aos grupos petrográficos 9 e 10 definidos por I. V. Pinto para as *villae* de S. Cucufate (Pinto, 2003, p. 134-137). As pastas da cerâmica comum do Vale do Guadalquivir apresentam as mesmas características que as ânforas originárias das oficinas dessa região. Trata-se de uma pasta com cozedura em modo A, arenosa, muito dura e de coloração acinzentada clara.

Entre a cerâmica comum da bética costeira, encontramos alguns pequenos potes, de bordo simples voltado para o exterior ou de secção triangular, semelhantes aos produzidas nas oficinas da Manta Rota (nº 74 da Fig. 8). Registam-se formas relacionadas com o serviço de mesa, como pratos (nº 71 da Fig. 8), além de outras categorias funcionais como tampas de bordo simples (nº 76 e 77 da Fig. 8) e um almofariz (nº 88 da Fig. 9). Este último caracteriza-se por possuir um bordo arredondado, em forma de amêndoa e parede inclinada, com sulcos concêntricos na superfície interna. Pela sua morfologia, parece integrar-se genericamente na forma 4, que definimos para o conjunto de almofarizes da Alcáçova de Santarém, ou em formas que evoluem desta forma 4, detendo semelhanças sobretudo com os exemplares que já não oferecem qualquer moldura na superfície externa da parede (Arruda e Viegas, 2004, p. 346, Fig.6). Exemplares idênticos encontram-se em diversos sítios como S. Cucufate (Beja) (Pinto, 2003, p. 260-261, Fig. 164), Povos (Vila Franca de Xira) (Quaresma, 1995-97, p. 31 e 39, nºs 1-5) e *Balsa* (Tavira) (Nolen, 1992, p. 136 e 149, est. 26, nº 14), mas também na cidade algarvia de Faro, onde se registam exemplares com bordo arredondado e parede externa lisa sem qualquer tipo de canelura. São ainda originários da baía de Cádiz dois fundos de grandes recipientes (nºs 79 e 80 da Fig. 8) e uma talha de bordo simples voltado para o exterior (nº 82 da Fig. 8) que se distingue, pela sua morfologia, das suas congéneres originárias do vale do Guadalquivir, que dominam claramente neste sítio algarvio. Estas últimas caracterizam-se por possuir bordo horizontal, ligeiramente espessado mais ou menos diferenciado e um dos exemplares conserva ainda a asa

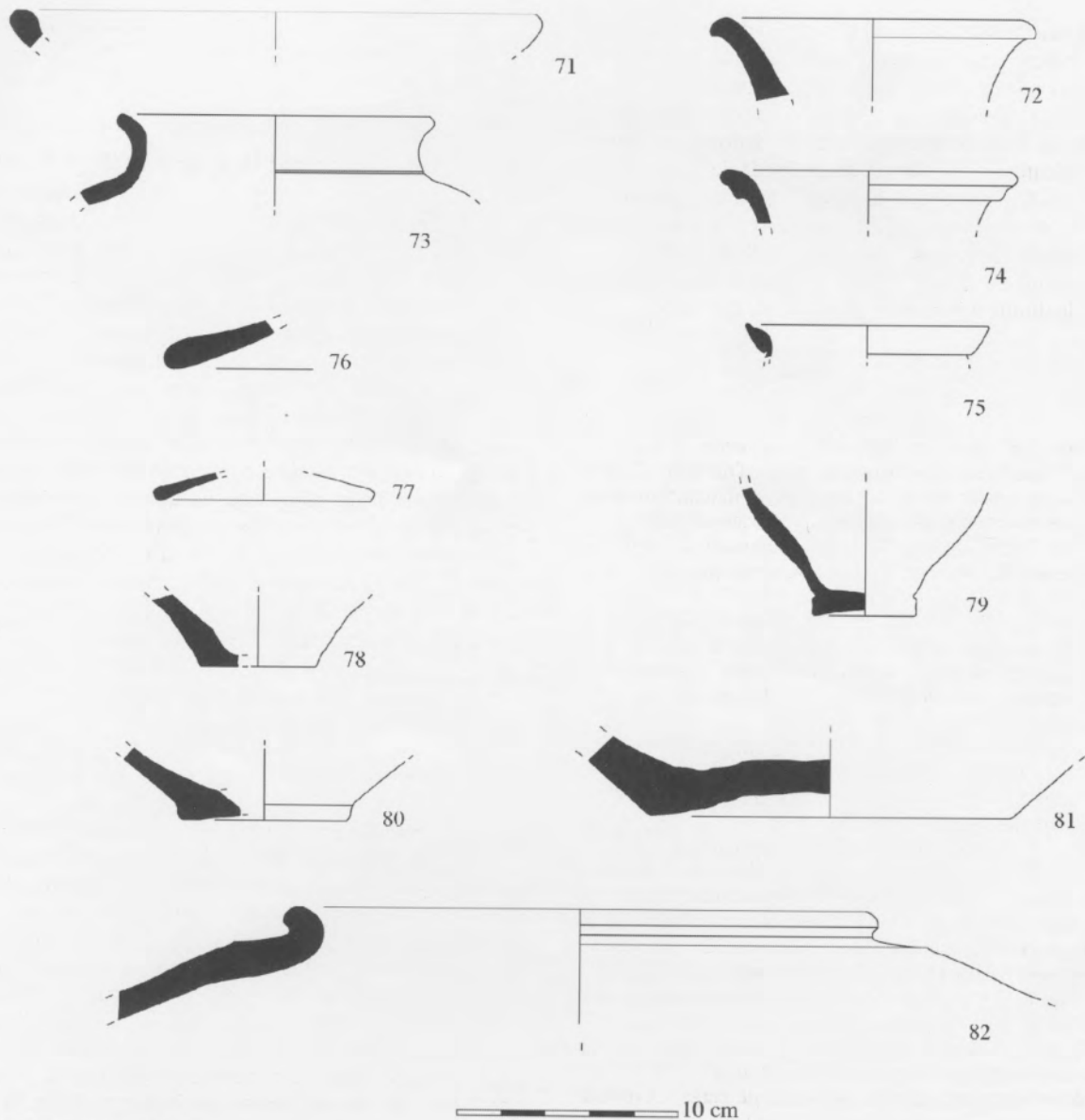


Fig. 8 - Cerâmica comum da Bética.

vertical com sulco longitudinal (n<sup>os</sup> 83-87 da Fig. 9). O diâmetro do bordo oscila entre 26 e os 38 cm, embora a maior parte das talhas detenha bordos com dimensões entre os 26 e os 29 cm. Pertence também a esta forma e fabrico um fundo ligeiramente convexo (n<sup>o</sup> 81 da Fig. 8).

Dada a elevada quantidade deste tipo de recipientes, pode supôr-se que se trataria de um contentor que poderia abastecer a Manta Rota de um determinado produto alimentar ou matéria-prima originários da região do vale do Guadalquivir.

A cerâmica comum africana está apenas representada por um fundo que pensamos poder atribuir à forma 181 de Hayes ou "Ostia I", fig 15 (Hayes, 1972;

Tortorella, 1981, p. 215, est. CVI, n<sup>o</sup> 3) com o característico engobe espesso e polimento em faixas. A cronologia deste exemplar prolonga a ocupação do sítio da manta Rota até ao séc. V, dado confirmado pela presença de ânforas lusitanas do tipo Almagro 51 C.

#### Catálogo

Fig. 8, n<sup>o</sup> 71. MR 046. Fragmento de prato de bordo simples. Diâmetro do bordo 24cm, altura máxima conservada 1,7cm. Fabrico da Bética costeira.

Fig. 8, n<sup>o</sup> 73. MNA. 2004.13.10. Fragmento de pote de

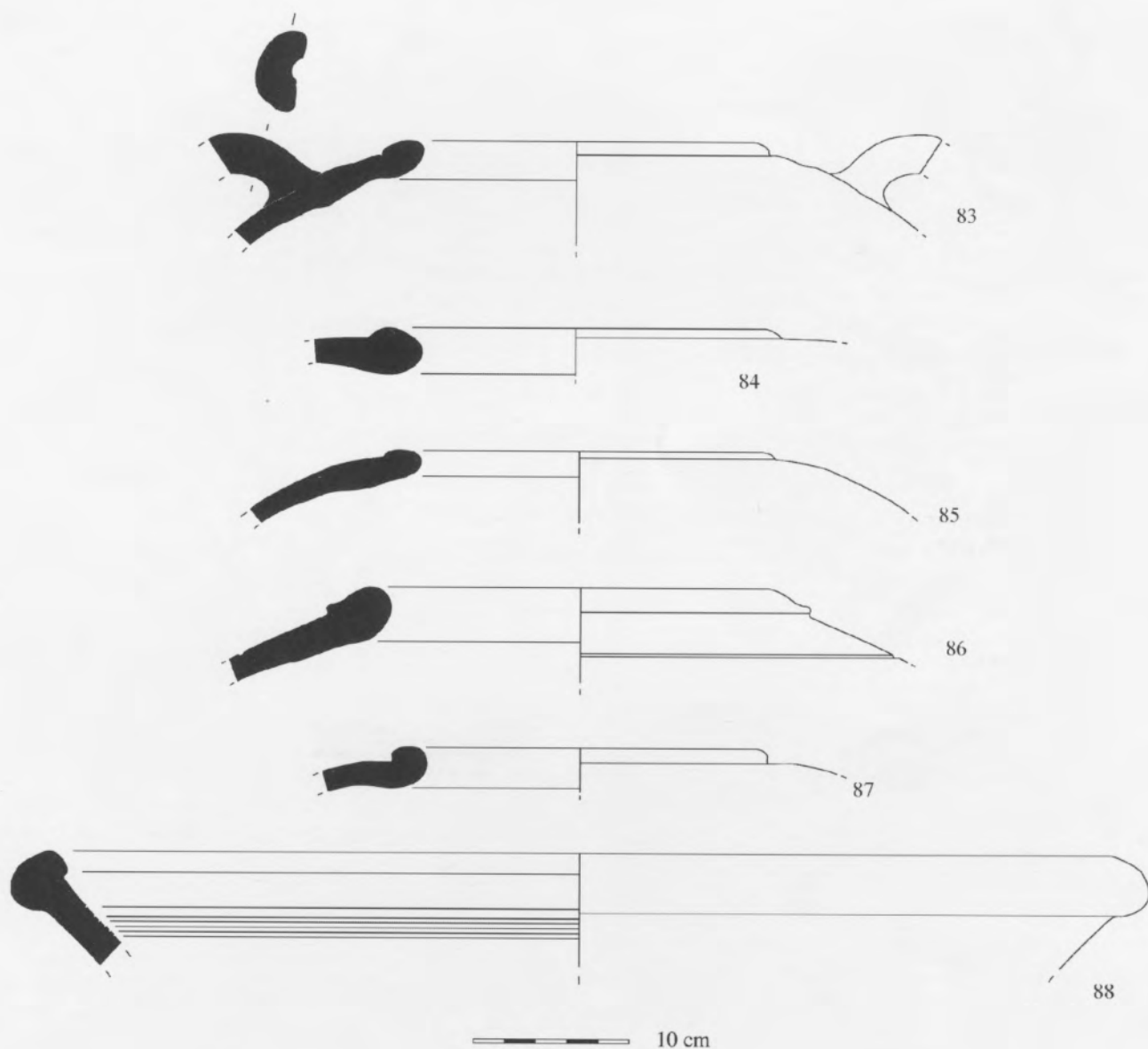


Fig. 9 - Cerâmica comum da Bética.

bordo simples voltado para o exterior. Diâmetro 14,4 cm e altura máxima conservada de 4 cm. Fabrico da bética costeira.

Fig. 8, nº 74. MR.153. Fragmento de pote de bordo de secção triangular com sulco na superfície externa, voltado para o exterior. Diâmetro 14 cm e altura máxima conservada de 2,5 cm. Fabrico da bética costeira.

Fig. 8, nº 75. MR. 081. Fragmento de pote de bordo espessado voltado para o exterior. Diâmetro 11 cm, altura máxima conservada de 1,5 cm. Fabrico bética costeira.

Fig. 8, nº 77. MR. 046. Fragmento de tampa de bordo simples. Diâmetro 10 cm, altura máxima conservada de 1,2 cm. Fabrico bética costeira.

Fig. 8, nº 76. MR. 047. Fragmento de tampa de bordo simples. Diâmetro impossível de determinar, altura máxima conservada de 1,2 cm. Fabrico bética costeira.

Fig. 8, nº 72. MR. 082. Fragmento de taça de bordo simples. Diâmetro 10 cm, altura máxima conservada de 1,2 cm. Fabrico bética costeira.

Fig. 8, nº 78. MR. Fragmento de fundo em bolacha de potinho (?) ou pequena bilha e bojo hemisférico. Diâmetro do fundo 5 cm, altura máxima conservada de 5,8 cm. Fabrico bética costeira.

Fig. 9, nº 88. MR. 145. Fragmento de almofariz de bordo arredondado, em forma de amêndoa e parte da parede com sulcos na superfície interna. Diâmetro provável de 38 cm, altura máxima conservada de 3,8 cm. Fabrico bética costeira.

Fig. 8, nº 82. MR. 150. Fragmento de talha de bordo simples voltado para o exterior. Diâmetro 28 cm, altura máxima conservada de 5,3 cm. Fabrico bética costeira.

Fig. 8, nº 79. MR. 035. Fragmento de fundo de grande



recipiente possivelmente de uma talha. Diâmetro 8 cm, altura máxima conservada de 4,5 cm. Fabrico bética costeira.

Fig. 8, nº 80. MR. 064. Fragmento de fundo de grande recipiente possivelmente de uma talha. Diâmetro 12 cm, altura máxima conservada de 5 cm. Fabrico bética costeira.

Fig. 9, nº 83. MR. 092. Fragmento de talha de bordo horizontal simples e asa vertical com sulco longitudinal. Diâmetro 10 cm, altura máxima conservada de 1,2 cm. Fabrico bética do Guadalquivir.

Fig. 9, nº 84. MR. 142. Fragmento de talha de bordo horizontal simples. Diâmetro 31 cm, altura máxima conservada de 3,4 cm. Fabrico bético do Guadalquivir.

Fig. 9, nº 87. MR. 043. Fragmento de talha de bordo horizontal ligeiramente diferenciado e voltado para o exterior. Diâmetro 27 cm, altura máxima conservada de 3,4 cm. Fabrico bético do Guadalquivir.

Fig. 9, nº 85. MR. 042. Fragmento de talha de bordo horizontal. Diâmetro 28 cm, altura máxima conservada de 5,4 cm. Fabrico bética do Guadalquivir.

Fig. 9, nº 86. MR. 168. Fragmento de talha de bordo horizontal, ostenta um sulco na parte superior do bojo. Diâmetro 38 cm, altura máxima conservada de 7,4 cm. Fabrico bético do Guadalquivir.

Fig. 8, nº 81. MR. 113. Fragmento de fundo de talha ligeiramente convexo. Diâmetro do fundo 23 cm, altura máxima conservada de 5 cm. Fabrico bético do Guadalquivir.

Não ilustrado MR. 106. Fundo de prato da forma 181 de Hayes ou "Ostia I", fig. 15. Ostenta o fabrico característico da cerâmica de cozinha norte africana e engobe espesso com polimento em faixas.

## 5. O centro produtor da Manta Rota no contexto da produção anfória da costa algarvia.

A produção de ânforas na costa algarvia estava já documentada em sítios como o Martinhal (Vila do Bispo-Sagres) (Silva, Soares e Correia, 1990), no extremo ocidental do Algarve, notando-se uma maior concentração de fornos na metade oriental da costa algarvia como o documenta os sítios de S. João da Venda (Faro) (Fabião e Arruda, 1990, p. 215-224), Quinta do Lago (Loulé) (Arruda e Fabião, 1990, p. 199-213) e S. Bartolomeu de Castro Marim (Vasconcellos, 1898, p. 329-336; Maia, 1979, 141-144; Alves, Diogo e Reiner, 1990, p. 193-198). Tal como refere recentemente C. Fabião, devem existir outros centros produtores na costa algarvia (Fabião, 2004). Na Quinta do Lago, a produção de ânforas, maioritariamente da forma Almagro 51c e de Almagro 50, encontra-se claramente associada à produção de preparados piscícolas (Arruda e Fabião, 1990, p. 107), num modelo de produção idêntico ao que se observa nos vales do Tejo e do Sado. Quanto a S. João da Venda (Faro), não é possível conhecer o tipo de exploração associada à produção, e em S. Bartolomeu de Castro Martim, além das evidências relacionadas com a produção de um tipo

específico de Dressel 14 e de ânforas da forma Almagro 51c e cerâmica comum, também não se conhecem outras estruturas arqueológicas associadas.

Como já se referiu, a evidência sobre a produção de ânforas da forma Dressel 14 na vizinha Bética, circunscrevia-se, nos anos 70, aos sítios de Calahonda e Motril (Beltrán, 1970, p. 459), mas os trabalhos arqueológicos desenvolvidos em anos mais recentes demonstram que este tipo foi produzido em vários sítios não só da costa mediterrânea mas também mais a oeste, na baía de Algeciras (García Vargas, 2000, p. 83-84). Os dados cronológicos também sofreram recentemente precisões significativas concretamente devido aos trabalhos dirigidos por Dario Bernal no centro produtor de "La Venta del Carmen" (Bernal Casasola, 1998, p. 165). Neste sítio, documentou-se o início da produção de Dressel 14 nos meados/finais de Augusto, prolongando-se até ao reinado dos flávios. Noutros sítios esta forma conhece produção até ao séc. III e mesmo posteriormente. Tal como refere García Vargas, a enorme variedade tipológica aconselha algum cuidado na proposta de subtipos (García Vargas, 2000, p. 84).

A produção de preparados piscícolas está documentada em todo o litoral algarvio e nas proximidades da Manta Rota em sítios como a Quinta do Muro (Alarcão, 1988, nº 281, p. 205) e em Cacela (*Ibidem*, 1988, nº 282, p. 205), além de se conhecer um conjunto de cetárias na cidade de Balsa (Torre d'Ares-Tavira) (*Ibidem*, 1988, nº 318, p. 208) (Fig. 10).

Parece-nos que também em Manta Rota se poderá, no futuro, confirmar a produção de ânforas associada a uma exploração agrícola do tipo *villa*, possivelmente com a existência de algum estabelecimento para a transformação do pescado, tal como se observou, por exemplo, na Quinta do Lago.

Outra questão que pode ser levantada relativamente à produção de ânforas Dressel 14 na Manta Rota, diz respeito à dependência da *Lusitania* face à vizinha Bética para obtenção de contentores até ao séc. III. Segundo C. Fabião, esta dependência assenta essencialmente no facto de se conhecerem poucos centros oleiros com cronologia do séc. I, no litoral algarvio (Fabião, 2000, p. 717-729). A partir da época tardia registar-se-ia uma quebra na produção anfórica da actual Andaluzia e seria este o momento em que litoral algarvio ganharia liderança na laboração dos recipientes para transportar preparados piscícolas. Desconhecemos em detalhe a cronologia da produção anfórica na Manta Rota, mas se considerarmos que não estamos apenas perante as variantes mais tardias da Dressel 14, este dado poderá matizar esta questão da dependência directa da Bética no período alto imperial.

O conjunto de materiais importados, apesar de relativamente pouco numeroso, e mesmo sendo desconhecida a sua posição estratigráfica específica, demonstra que entre o início do séc. I e o V d.C., o sítio da

Manta Rota se encontra perfeitamente integrado nos circuitos comerciais do ocidente do Império romano. Este aspecto é sublinhado pela localização que ocupa junto à costa e, possivelmente também, pela sua proximidade de centros urbanos de primeira ordem como seria *Balsa* (Torre d'Ares) ou outros de menor relevo como Castro Marim.

A questão que se coloca quanto à dependência ou não da vizinha Bética poderá no futuro vir a ser igualmente analisada tendo por base o estudo da cerâmica comum de sítios algarvios. Efectivamente, e como já o salientou J. Nolen para Torre d'Ares, tudo aponta para a existência de percentagens elevadas de cerâmicas comuns importadas, não só originárias do Norte de África, mas igualmente da Bética, sobretudo da área costeira, face às cerâmicas de produção local/regional (1994). O estudo que apresentamos integra-se num projecto de investigação mais amplo que visa o estudo de "A ocupação romana do Algarve – estudo do povoamento

Tabela 1 - Conjunto dos materiais estudados (NMI).

		MNI	%	%
<b>Cerâmicas finas</b>	TSI	1	6%	
	TSS	9	52%	
	TSH	2	12%	
	TSCIA	1	6%	
	TSCIC	1	6%	
	paredes finas	1	6%	
	lucerna	2	12%	
<b>Total cerâmicas finas</b>		<b>17</b>		<b>7%</b>
<b>Cerâmica comum</b>	Fabrico local	29	68%	
	Bética	13	30%	
	Africana	1	2%	
<b>Total cer. comum</b>		<b>43</b>		<b>19%</b>
<b>Dolium</b>	Fabrico local	3	14%	
	Bética	19	86%	
<b>Total dolia</b>		<b>22</b>		<b>10%</b>
<b>Ânforas</b>	Fabrico local	124	83%	
	Bética	20	13%	
	Origem indet.	2	1%	
	Itálica	1	1%	
	Africana	1	1%	
	Lusitana	1	1%	
<b>Total ânforas</b>		<b>148</b>		<b>64%</b>
<b>TOTAL</b>		<b>230</b>		

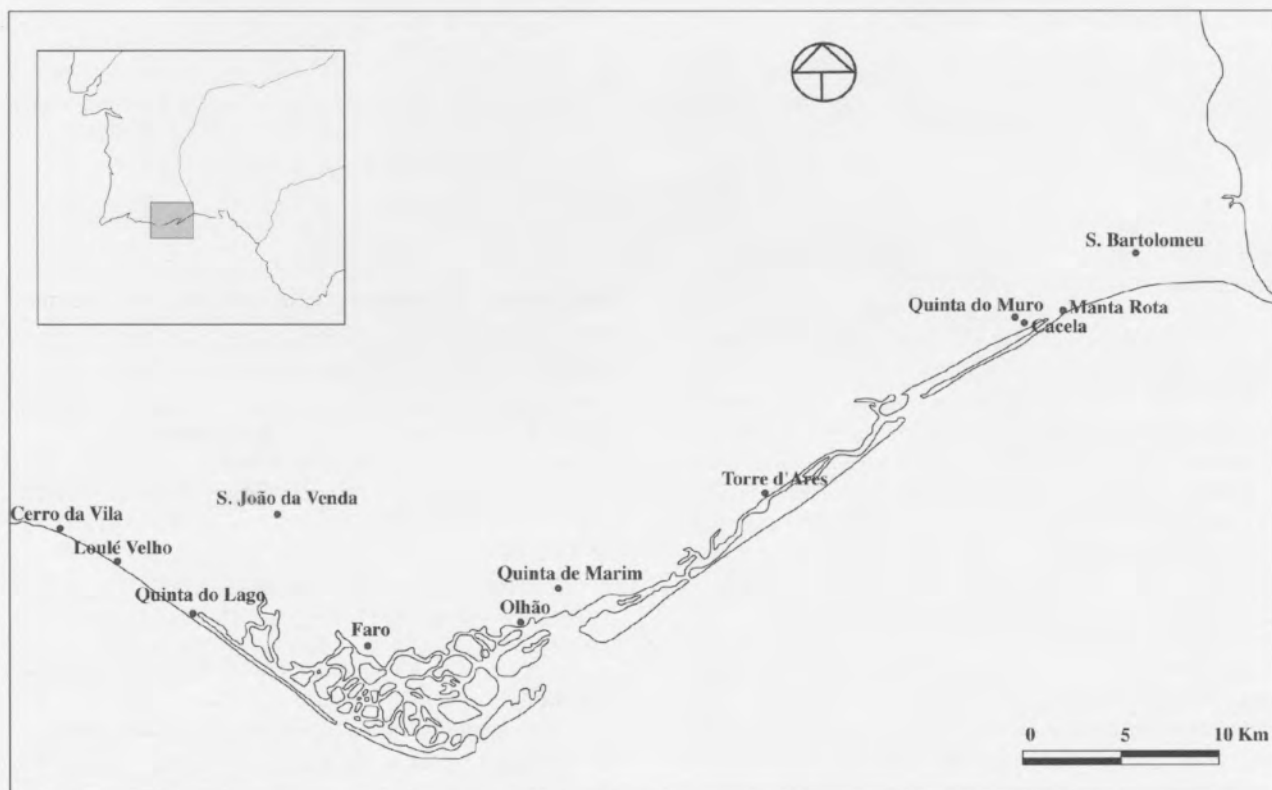


Fig. 10 - Mapa com a localização das cetárias e dos sítios onde se produziram ânforas no Algarve Central e Oriental. Base Cartográfica, Alarcão, 1988.

mento e economia do Algarve central e oriental no período romano". Tendo por base a análise de conjuntos cerâmicos provenientes de escavações antigas e de outras mais recentes, actualmente depositadas em Museus, instituições de investigação e autarquias, procurar-se-á reconhecer ritmos de importação, não só das cerâmicas finas e ânforas, mas também das cerâmicas comuns. Abrangendo uma vasta cronologia, desde o séc. II a.C. até ao séc. VII, o nosso inquérito irá dirigir-se não só para as cidades, polos importadores e redistribuidores, por excelência, mas também para aglomerados secundários, estabelecimentos rurais, entre outros.

## Bibliografia

- Alarcão, J. de (1988) - *Roman Portugal: Gazetteer (Inventário)*. 6. Évora, 7. Lagos, 8. Faro. Vol II, fasc. 3, Warminster.
- Alves, F. J. S.; Diogo, A. D.; Reiner, F. (1990) - A propósito dos fornos de cerâmica lusitano-romanos de S. Bartolomeu do Mar. In Alarcão, A.; Mayet, F. (eds.), *Les amphores Lusitaniennes. Typologie, Production, Commerce*. Paris: De Boccard, p. 193-198.
- Arruda, A. M.; Fabião, C. (1990) - Ânforas da Quinta do Lago (Loulé). In Alarcão, A.; Mayet, F. (eds.), *Les amphores Lusitaniennes. Typologie, Production, Commerce*. Paris: De Boccard, p. 199-213.
- Arruda, A. M.; Viegas, C. (2004) - Les mortiers de l'Alcáçova de Santarém (Portugal). In *SFECAG, Actes du Congrès de Vallauris* (Maio, 2004), p. 341-349.
- Bernal Casasola, D. (ed.) (1998) - *Excavaciones arqueológicas en el alfar romano de La Venta del Carmen, Los Barrios, (Cadiz) - Una aproximación a la producción de anforas en la Bahía de Algeciras en época altoimperial*, Madrid.
- Carandini, A. et al. (1981) - Ceramica Africana, in *Atlante delle forme ceramiche I*, Enciclopedia dell'Arte antica e orientale, Roma.
- Carreras Monfort, C.; Funari, P.P.A. (1998) - *Britannia y el Mediterraneo. Estudios sobre el abastecimiento de aceite bético y africano en Britannia*. Col. Instrumenta 5. Barcelona.
- Chic Garcia, G. (2001) - *Datos para un estudio socioeconómico de la Bética, marcas de alfar sobre ánforas olearias*, Écija: Editorial Graficas Sol, vol. I
- Conspectus = Ettliger, E. et al. (1990) - *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GmbH. (Materialien zur romisch-germanischen Keramik 10)
- Fabião, C. (2000) - O Sul da Lusitânia (Algarve Português) e a Bética: concorrência ou complementaridade? In *Congreso Internacional. Ex Baetica Amphorae, Conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio romano*, p. 717-730.
- Fabião, C. (2004) - Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In Bernal, D.; Lagostena, L. (Eds), *Figlinae Baeticae. Talheres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a. C. - VII d. C.)*, Vol 1. *Actas del Congreso Internacional*, Cádiz, 2003. BAR Int. Series 1266.
- Fabião, C.; Carvalho, A. (1990) - Ânforas da Lusitânia: uma perspectiva. In Alarcão, A.; Mayet, F. (eds.) *Les Amphores Lusitaniennes. Typologie, production, commerce*, Paris, p. 37-63.
- Fabião, C. (1997) - Exploração dos recursos marinhos, in *Portugal Romano. A exploração de recursos marinhos*. Lisboa: IPM, p. 35-58.
- Fabião, C.; Arruda, A.M. (1990) - Ânforas de S. João da Venda (Faro). In Alarcão, A.; Mayet, F. (eds.), *Les amphores Lusitaniennes. Typologie, Production, Commerce*. Paris: De Boccard, p. 215-224.
- García Vargas, E. (2000) - La producción de ánforas "Romanas" en el Sur de Hispania. Republica y Alto Imperio. In: *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae* (Ecija 1998), vol I, p. 57-174.
- Hayes, J. W. (1972) - *Late roman pottery*. The British School at Rome. Londres.
- Maia, M. (1979) - As ânforas de S. Bartolomeu de Castro Marim, in *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, vol. I, p. 141-144.
- Martin-Kilcher, S. (1983) - Les amphores romaines à huile de Bétique (Dressel 20 et 23) d'Augst (Colonia Augusta Rauricorum) et Kaiseraugst (Castrum Rauracence). Un rapport préliminaire. In J. M. Blazquez and J. Remesal (eds.), *Prod. y Com. de Aceite en la Antigüedad. II Congreso*, Madrid, p. 337-347.
- Mayet, F. (1975) - *La céramique à parois fines de la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Boccard.
- Mayet, F.; Silva, C. Tavares da (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro. Portugal*. Paris: Diffusion de Boccard.
- Mayet, F.; Silva, C. Tavares da. (2002) - *L'atelier d'amphores d'Abul*. Paris: Diffusion E. De Boccard.
- Mayet, F.; Schmitt, A.; Silva, C. Tavares da (1996) - *Les amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du matériel*, Paris: Diffusion E. De Boccard.
- Nolen, J. U. S. (1985) - *Cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo*. Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança.

Nolen, J. U. S. (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares, Balsa, incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa: Instituto Português de Museus.

Oliveira, Francisco Xavier Ataíde de (1900) - *Monografia do Concelho de Vila Real de Santo António*, p. 51.

Peacock, D. P. S.; Williams, D. F. (1986) - *Amphorae and the roman economy, an introductory guide*, London and New York: Longman.

Polak, M., (2000) - *South Gaulish Terra sigillata with potter's stamps from Vechten*. *Rei Creatariae Romanae Fautorum Acta Supplementum* 9. Nijmegen.

Quaresma, J.C. (1995-97) - Os almofarizes romanos de Povos (Vila Franca de Xira) no contexto do território actualmente português, in *Boletim Cultural Cira*, Vila Franca de Xira, 1995-97, p. 28-45

Sánchez Sánchez, M.A. (1992) - Cerámica común romana de Mérida (Estudio Preliminar). *Series de Arqueología Extremeña*, nº 3, Cáceres.

Santos, M.L.E. da V.A. dos (1972) - *Arqueologia*

*Romana do Algarve*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1, Lisboa, p. 312

Silva, C. Tavares da ; Soares, A. Coelho ; Correia, V. H. (1990) - Produção de Ânforas romanas no Martinhal (Sagres) , In Alarcão, A.; Mayet, F. (eds.), *Les amphores Lusitaniennes. Typologie, Production, Commerce*. Paris: De Bocard, p. 225-246.

Tortorella, S. (1981) - Ceramica da Cucina In *Atlante delle forme ceramiche II, ceramica fina romana nel Bacino del Mediterraneo. (Tardo elenismo e Primo Impero)*. Enciclopedia dell'Arte Antica. Roma. p. 208-227.

Vasconcellos, J.L. de (1898) - Olaria luso-romana em S. Bartolomeu de Castro Marim. *O Arqueólogo Português*, 4, nº 10-12, p. 329-336.

Vasconcellos, J.L. de (1920) - A olaria Lusitano-romana (?) de Manta Rôta. *O Arqueólogo Português*, 24, Lisboa, p. 229.

Veiga, S. P. Estácio da (1888) - *Antiguidades Monumentais do Algarve*, vol, 2, p. 401.